



Produção agroecológica e o circuito de comercialização com a Universidade Federal Fluminense em Angra dos Reis.

Agroecological production and the commercialization with the Universidade Federal Fluminense in Angra dos Reis

PENNA, Camila¹; PORTO, José Renato Sant'Anna²

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), camilapennal@id.uff.com.br
; ² Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense (UFF), josersporto@gmail.com

Eixo temático: Economias dos Sistemas Agroalimentares de Base Agroecológica

Resumo O relato que segue tem como base uma experiência recente de implementação de um circuito curto de comercialização agroecológica na cidade de Angra dos Reis, tendo como ponto de partida a relação construída entre a Universidade Federal Fluminense (UFF) e os agricultores e agricultoras da Associação dos Produtores Rurais do Vale de Mambucaba, através de um projeto de ensino, pesquisa e extensão organizado pelo NEA Aipim (Núcleo de Estudos em Agroecologia Incentivando Práticas Integrando Movimentos). A iniciativa procura organizar um debate permanente sobre alimentação saudável no Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR/UFF), articulando estratégias de fortalecimento da agricultura camponesa através da aproximação entre consumidores/as e camponeses/as. Em sua fase inicial, o projeto tem trabalhado como a entrega mensal de Cestas Agroecológicas selecionadas de acordo com a disponibilidade de alimentos da época. Para além de promover a segurança alimentar no contexto da Universidade e seu entorno, a iniciativa procura também valorizar a cultura camponesa do território, oferecendo alimentos frescos e típicos da região. Esta comunicação apresenta o contexto de construção deste projeto, os principais instrumentos e estratégias de implementação, bem como os desdobramentos políticos e os caminhos delineados para a expansão da iniciativa no território.

Palavras-Chave: Agroecologia; Segurança Alimentar; Economia Solidária.

Keywords: Agroecology, Food Security; Solidarity Economy

Contexto

O território da Baía da Ilha Grande é complexo. A colonização por aqui chegou ainda no século XVI. A cidade de Angra dos Reis foi fundada em 1556, bem no início da ocupação portuguesa pelo litoral. Paraty tem sua história atravessada pelo ciclo do ouro e foi, até o início século XIX, um dos principais portos do país para escoamento dos minérios vindos de Minas Gerais. Populações indígenas habitavam (e ainda habitam) a região desde antes da chegada dos europeus. Comunidades quilombolas e caiçaras, também presentes até hoje, foram formadas nos interstícios e como produto da exclusão promovida pelos ciclos econômicos e pelo processo de urbanização do território. Desde a década de 1970, quando foram construídas as Usinas Nucleares e a rodovia BR 101, o território onde está localizado o Sertão de Mambucaba sofreu alterações significativas.

Elementos como a especulação imobiliária associada ao turismo, à urbanização, aos loteamentos e aos efeitos prolongados da instalação de grandes empreendimentos, denotam o avanço de movimentos de desarticulação do que convencionalmente



entendemos como áreas rurais. De outro lado, a presença perseverante de comunidades tradicionais e camponesas, que mantém práticas agrícolas diversificadas e que se reinventam a partir da conjuntura adversa, mostram uma interface também importante de um rural que se configura a partir dos conflitos no território. Há ainda, em todo o território da Baía da Ilha Grande, a marcante presença de uma cobertura florestal de Mata Atlântica, em grande parte protegida por Unidades de Conservação (UC). As UCs, de um lado, restringem direta e indiretamente as práticas agrícolas, e, de outro, atraem o interesse urbano pelas amenidades rurais, ligadas, sobretudo, ao apelo das paisagens naturais. Há, portanto, uma ambivalência constante, caracterizada pela resistência da agricultura como forma de reprodução socioeconômica das comunidades, frente a uma diversidade de processos que, há pelo menos quatro décadas, atuam no território e reconfiguram os espaços rurais em Angra dos Reis.

O bairro rural Sertão de Mambucaba traz em sua história e em sua paisagem a presença de todos esses elementos que, em linhas gerais, conformam o território da Baía da Ilha Grande. É uma antiga área de passagem, um caminho que liga o Vale do Paraíba, em São Paulo, ao litoral sul fluminense, utilizado pelos indígenas, muito antes de ser também apropriado como rota para tropas de mulas que transportavam o café, produzido no Vale. Às margens do Rio Mambucaba, ao longo da estrada que dá nome ao bairro, é possível observar a presença marcante dos sítios camponeses, com produção abundante e diversificada, embora as segundas residências e as grandes propriedades ociosas também já estejam muito presentes.

O Sertão de Mambucaba se conecta em duas pontas. De um lado, há outro bairro rural, Chapéu do Sol, atravessando o rio, já no município de Paraty. De outro lado, está o bairro Perequê (Parque Mambucaba), um centro urbano, com mais de 20 mil habitantes, que cresceu exponencialmente a partir da construção da BR 101 e das Usinas Nucleares. É no Perequê que as famílias do Sertão acessam serviços gerais. É lá também onde vendem parte da produção agrícola e também onde moram os familiares mais próximos, que para lá se deslocaram atraídos por empregos e outras dimensões da vida urbana. É nesse contexto que o Sertão de Mambucaba mantém ainda características de um rural agrícola, com famílias que se reinventam e que persistem na agricultura como modo-de-vida.

A experiência aqui relatada se ancora ainda em duas dimensões importantes. Em primeiro lugar, embora os agricultores do Sertão de Mambucaba tenham canais de comercialização já estabelecidos, os mesmos relatam muitos problemas sobre esses mercados. Por exemplo, as compras institucionais, organizadas pela Prefeitura de Angra dos Reis, foram retratadas pelos agricultores como uma estratégia muito burocrática, que atrasa o pagamento, que exige uma logística complicada e que, portanto, acaba sendo inviável no médio e longo prazo. Outro canal de comercialização são as feiras livres, existentes, por exemplo, no centro de Angra, que também são consideradas estratégias que exigem uma logística de transporte e de produção regular que muitos agricultores não tem condições de oferecer. Desse modo, há uma demanda no que tange a organização e diversificação dos mercados agroalimentares no contexto do Sertão de Mambucaba. Em segundo lugar está o contexto e as características da UFF em Angra dos Reis. O campus está localizado



no bairro de Jacuecanga e não conta com restaurante universitário. Os preços praticados pelos restaurantes no bairro são altos, inacessíveis a maioria dos estudantes, que enfrentam dificuldade para obter alimentação saudável com regularidade. Tendo esse contexto em vista, a proposta de criar um circuito curto de produção e consumo de alimentos, se materializou em um projeto de entrega de cestas agroecológicas na UFF.

Descrição da Experiência

O projeto da Cesta Agroecológica reúne categorias de análise e referenciais teóricos articulados sobre o escopo (i) da agroecologia, (ii) da segurança alimentar e (iii) da economia solidária, promovendo uma iniciativa que busca transitar entre os vínculos existentes (e resistentes) entre campo e cidade. Toma, como principal eixo de ações, comercialização e consumo de alimentos agroecológicos, tendo em seu quadro de referência produções teóricas, pesquisas, estudos de caso e materiais produzidos pelos movimentos, organizações e redes envolvidas com o tema das estratégias alternativas de comercialização e consumo de alimentos (DAROLT *et al*, 2013; PORTILHO *et al*, 2011; VIA CAMPESINA, 1996).

Trata-se de um projeto de Extensão, mas que tem relação direta e orgânica com atividades de Pesquisa e Ensino. A iniciativa é resultado direto das ações da pesquisa 'Ruralidades em Angra dos Reis' e da disciplina 'Ruralidades Contemporâneas, Conflitos Territoriais e Sistemas Agroalimentares', cadastrada no Departamento de Geografia e Políticas Públicas (DGP) do Instituto de Educação de Angra dos Reis. A pesquisa tem como foco a realização de um mapeamento dos bairros rurais do município, no intuito de descrever e analisar os diferentes perfis de ruralidade presentes em Angra dos Reis. A disciplina optativa, por sua vez, tem como proposta trabalhar conceitos da sociologia e da antropologia para pensar o mundo rural, em particular no contexto da Baía da Ilha Grande, problematizando a ruralidade contemporânea nas dimensões agrária, agrícola e alimentar. Em 2018-2, o curso teve como proposta estudar o bairro Sertão de Mambucaba e, como trabalho de conclusão, as/os estudantes produziram materiais diversificados, registrando a experiência de pesquisa, as reflexões teóricas debatidas em sala de aula e as propostas de intervenção que surgiram ao longo do semestre no diálogo com os/as agricultores/as. Foi neste contexto de intersecção entre Ensino, Pesquisa e Extensão em que foi elaborada a proposta de organizar um circuito de comercialização entre os agricultores/as do Sertão de Mambucaba e a UFF, dando início aos trabalhos da experiência aqui sistematizada.

No âmbito específico das ações do projeto, cabe destacar aqui algumas ideias-chave que tem orientado a perspectiva metodológica de organização das atividades:

- (i) participação plena dos/as agricultores/as em todas as decisões concernentes à organização do circuito curto de produção, distribuição e consumo de alimentos.
- (ii) respeito aos conhecimentos dos agricultores e agricultoras e à cultura agrícola local, no que diz respeito à oferta e disponibilidade de alimentos para as cestas agroecológicas.



(iii) valorização do trabalho colaborativo na produção de conhecimento agroecológico, que parte do conhecimento tradicional dos agricultores e agricultoras sobre os seus agroecossistemas e suas redes e os coloca em diálogo e cooperação com o conhecimento que a Universidade produz, caminhando na construção coletiva de soluções e novidades.

(iv) orientação pela ideia de comércio justo e economia solidária, onde os valores monetários atribuídos aos produtos agroecológicos são definidos através da produção de consensos entre agricultores e o público consumidor.

Já no que diz respeito à implementação do projeto, o NEA AIPIM, em parceria com a Associação de Produtores Rurais do Vale de Mambucaba, vem desenvolvendo as seguintes atividades periodicamente:

- a) Reuniões de Articulação e Planejamento Mensal com agricultores/as: todo início de mês o NEA AIPIM participa da reunião mensal da Associação, na qual é estabelecido um espaço para o planejamento da entrega das cestas, definindo os alimentos disponíveis na ocasião, bem como a quantidade a ser fornecida por cada agricultor/a. Ou seja, os pedidos serão feitos com base no total de alimentos disponibilizados pelos agricultores para a composição da Cesta Agroecológica.
- b) Gestão e Monitoramento da Plataforma de Vendas de Cestas Agroecológicas: o projeto faz uso de um conjunto de planilhas desenvolvidas especificamente para a gestão das vendas (lista de “comedores/as”) e para o registro dos tipos e das quantidades de alimentos comercializados. A sistematização da quantidade, do tipo e da localidade de origem dos produtos subsidia a produção da pesquisa de monitoramento e avaliação do projeto das Cestas Agroecológicas (tabelas, gráficos e mapas), que apresentará seus primeiros resultados ao final do ciclo de um ano¹;
- c) Gestão da Logística de Entrega das Cestas Agroecológicas: a entrega das cestas acontece mensalmente no espaço de convivência do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR/UFRJ), sendo transportada do Sertão de Mambucaba até Jacuecanga através do BusUFF, que diariamente faz o trajeto Mambucaba-UFRJ-Mambucaba para o transporte estudantil. A presença do BusUFF é estratégica e tem facilitado o trabalho da Cesta Agroecológica, inclusive barateando o preço final praticado aos consumidores.
- d) Realização de Debates, Vivências e Intercâmbios: Seja na ocasião da entrega das cestas, seja em outras atividades e reuniões específicas, o NEA AIPIM tem organizado atividades de debates e reflexões sobre temas que circundam a questão da alimentação e da produção agroecológica. Esses ambientes tem oferecido aos consumidores e consumidoras oportunidades para ampliar a percepção crítica sobre a questão da alimentação, associando o tema às dimensões agrária, agrícola e ambiental. Há ainda a previsão para o próximo semestre de organização de vivências agroecológicas no Sertão de Mambucaba, como mais uma estratégia de aproximação entre o público consumidor e os/as

¹ O projeto teve início em abril de 2019, sendo que a primeira entrega de cestas aconteceu em maio e, em seguida, em junho e julho, tendo aumentado expressivamente o público consumidor e a quantidade de alimentos fornecidos. Pelo curto tempo de implementação da proposta, os dados quantitativos e georreferenciados serão apresentados em uma nova oportunidade.



agricultores/as. A ideia é organizar mutirões de trabalho com práticas agroecológicas e rodas-de-conversa que contribuam para a troca de experiências e a criação de vínculos entre os participantes.

Resultados

Apesar de ter pouco tempo de implementação, o projeto das Cestas Agroecológicas vem apresentando interessantes resultados. O NEA AIPIM e a Associação acordaram, desde o início, que o caminhar do projeto seria gradual, experimental e auto-reflexivo. Ou seja, a cada mês são testados arranjos diferentes para a gestão e funcionamento da Cestas. No primeiro mês, trabalhamos com um “piloto”, entregando 15 Cestas Agroecológicas², apenas mobilizando consumidores/as parceiros/as, sem divulgação. No segundo mês, trabalhamos um pouco com a divulgação e ampliamos para 30 cestas. Por fim, no terceiro mês, mantivemos as 30 e procuramos organizar as novas estratégias de divulgação e sensibilização do público consumidor, bem como melhor estruturamos a rotina administrativa e de gestão da produção, a fim de seguir aumentando o número de Cestas. A expectativa é que, para os próximos meses, as cestas sejam entregues quinzenalmente, seguindo a demanda sinalizada pelos próprios consumidores/as vinculados/as ao projeto. Em linhas gerais, podemos afirmar que o projeto vem sendo exitoso (i) ao criar uma nova e promissora estratégia de comercialização para a agricultura camponesa e (ii) ao oferecer alimentos frescos e saudáveis para o público da Universidade e seu entorno, contribuindo para a promoção da segurança alimentar no ambiente universitário.

De todo modo, nosso trabalho tem encontrado alguns desafios nessa caminhada. Um ponto a ser destacado é a necessidade de fidelização dos consumidores/as, o que garante estabilidade ao projeto e oferece uma segurança maior aos agricultores. Temos realizados algumas atividades, mas há o entendimento coletivo de que é necessário ampliar a compreensão dos/as consumidores/as para com a realidade dos/as agricultores/as. Outro desafio é a questão da escala, do tamanho ideal ou “confortável” do projeto. Há uma problematização constante nesse sentido, procurando encontrar um equilíbrio saudável entre oferta e demanda de alimentos, que respeite as lógicas e as temporalidades da organização camponesa e que não seja balizado apenas por parâmetros mercadológicos. É, portanto, nesse caminhar consciente e sereno que procuramos ser mais uma peça na complexa engrenagem que é o caminhar para a Agroecologia.

Referências bibliográficas

DAROLT, Moacir R.; LAMINE, Claire; BRANDEMBURG, Alfio. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Revista Agriculturas - Construção Social dos Mercados**, v. 10, n. 2, p. 8, 2013

² A Cesta Agroecológica é composta por 1) aipim, 2) arroz, 3) raiz (cará, cara-moela, inhame), 4) banana, 5) um beneficiado (banana passa, farinha, pimenta), 6) folha (alface, chicória, taioba), 7) fruta da época, 8) palmito, 9) chá e tempero (alho poró, cebolinha, coentro, capim limão, hortelã de galinha, etc).



PORTILHO, F.; CASTANEDA, M.; CASTRO, I. R. R. de. A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade. **Ciência e Saúde Coletiva** (Impresso), v. vol.16, p. 99-106, 2011.

VÍA CAMPESINA. Soberanía alimentaria un futuro sin hambre. In: FÓRUM DE ONG PARA LA SOBERANÍA ALIMENTARIA, 1996, Roma. **Declaración dirigida a la Cumbre Mundial de la Alimentación**. Roma, Itália, 1996.